

## A tradução à luz da tradição: as traduções neoclássicas do poema *Éros Drapétēs*, de Mosco, e o espaço para novas propostas de tradução.

Fábio Gerônimo Mota Diniz

**RESUMO:** O texto apresenta traduções do poema *Éros Drapétēs* do poeta helenístico Mosco, realizadas pelos poetas neoclássicos Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765–1805) e Antônio Ribeiro dos Santos (1745-1818). A partir da investigação do processo de transposição dos versos hexamétricos para o português e da análise de alguns breves aspectos do poema, pretende-se discutir os procedimentos tradutórios e as escolhas desses tradutores/poetas. Ao fim propõem-se duas outras possibilidades de tradução do poema, e uma breve discussão sobre a flexibilidade de uma tradução poética.

Palavras-chave: Mosco; Bocage; Elpino Duriense; tradução; Período Helenístico.

### 1. Mosco e a tradição do hexâmetro

Natural de Siracusa, o poeta Mosco viveu no século II a.C, no chamado Período Helenístico. Há poucas referências sobre esse poeta, sendo que a sua breve biografia tem como fontes as *Suidas* e uma nota anexa ao poema *Eros Fugitivo* na *Antologia Palatina*. Edmonds, na sua introdução à edição *The Greek Bucolic Poets*, de The Loeb Classical Library (1919, p. xxii)<sup>1</sup> apresenta um resumo do que é sabido sobre Mosco<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> The evidence for the life of Moschus is contained in a notice in *Suidas* and a note appended to the *Runaway Love* in the *Anthology*. These tell us that he was of Syracuse, a grammarian and a pupil of Aristarchus, and that he was accounted the second Bucolic poet after Theocritus. Aristarchus taught at Alexandria from 180 to about 144. The year 150 will then be about the middle of Moschus' life. He is almost certainly to be identified with the Moschus who is mentioned by Athenaeus as the author of a work on the Rhodian dialect, in which he explained that *λεπαστή* was an earthenware vessel like those called *πτωματίδες* but wider in the mouth. None of Moschus' extant works are really Bucolic; for the *Lament for Bion* is certainly by another hand.

<sup>2</sup> Trecho em língua estrangeira traduzido pelo autor do trabalho.

Conta-se que ele era de Siracusa, um gramático e pupilo de Aristarco, e que ele era contabilizado como o segundo poeta bucólico depois de Teócrito. Aristarco lecionou em Alexandria de 180 até cerca de 144. O ano 150 corresponderia então à metade da vida de Mosco. Ele pode quase certamente ser identificado com o Mosco que é mencionado por Ateneu como o autor de um trabalho no dialeto Ródio, no qual ele explica que λεπαστή era um vaso de barro como aqueles chamados de πτωματίδες, mas mais largos na boca. Nenhum dos trabalhos sobreviventes de Mosco é realmente bucólico; pois o Lamento para Bion é certamente de outras mãos.

Possuímos de Mosco fragmentos de um poema épico sobre o rapto de Europa, com 116 versos; o fragmento de uma *Mégara*, de 13 versos; um canto fúnebre em homenagem ao poeta Bion, contemporâneo e amigo de Mosco; e o poema a seguir, *Éros Drapétēs*, *Eros Fugitivo*, o objeto deste trabalho. O texto selecionado é o estabelecido na edição de Edmonds de 1912.

#### ΕΡΩΣ ΔΡΑΠΕΤΗΣ

Ἄ Κύπρις τὸν Ἔρωτα τὸν υἱέα μακρὸν ἐβώστρει·  
ὅστις ἐνὶ τριόδοισι πλανώμενον εἶδεν Ἔρωτα,  
δραπετίδας ἐμός ἐστιν· ὁ μανύσας γέρας ἐξεῖ.  
μισθός τοι τὸ φίλημα τὸ Κύπριδος· ἦν δ' ἀγάγης νιν,  
οὐ γυμνὸν τὸ φίλημα, τὸ δ' ὦ ξένε, καὶ πλέον ἐξεῖς.  
ἔστι δ' ὁ παῖς περίσαμος· ἐν εἴκοσι πᾶσι μάθοις νιν.  
χρῶτα μὲν οὐ λευκὸς πυρὶ δ' εἵκελος· ὄμματα δ' αὐτῷ  
δριμύλα καὶ φλογόντα· κακαὶ φρένες, ἀδὺ λάλημα·  
οὐ γὰρ ἴσον νοέει καὶ φθέγγεται· ὡς μέλι φωνά,  
ὡς δὲ χολὰ νόος ἐστίν· ἀνάμερος, ἠπεροπευτάς,  
οὐδὲν ἀλαθεύων, δόλιον βρέφος, ἄγρια παίσδων.  
εὐπλόκαμον τὸ κάρανον, ἔχει δ' ἰταμὸν τὸ μέτωπον.  
μικκύλα μὲν τήνω τὰ χερύδρια, μακρὰ δὲ βάλλει·  
βάλλει κεῖς Ἀχέροντα καὶ εἰς Αἴδεω βασίλεια.  
γυμνὸς ὅλος τό γε σῶμα, νόος δὲ οἱ εὖ πεπύκασται,  
καὶ πτερόεις ὡς ὄρνις ἐφίπταται ἄλλον ἐπ' ἄλλω,  
ἀνέρας ἠδὲ γυναῖκας, ἐπὶ σπλάγχνοις δὲ κάθηται.  
τόξον ἔχει μάλα βαιόν, ὑπὲρ τόξω δὲ βέλεμνον -  
τυτθὸν μὲν τὸ βέλεμνον, ἐς αἰθέρα δ' ἄχρι φορεῖται -  
καὶ χρύσειον περὶ νῶτα φαρέτριον, ἔνδοθι δ' ἐντί  
τοῖ πικροὶ κάλαμοι τοῖς πολλάκι κάμὲ τιτρώσκει.

πάντα μὲν ἄγρια ταῦτα· πολὺ πλεόν ἅ δαῖς αὐτῶ·  
βαιὰ λαμπὰς ἐοῖσα τὸν ἄλιον αὐτὸν ἀναίθει.  
ἦν τύγ' ἔλης τῆνον, δῆσας ἄγε μηδ' ἐλεήσης,  
κῆν ποτίδης κλαίοντα, φυλάσσεο μή σε πλανάσῃ·  
κῆν γελάῃ, τύ νιν ἔλκε, καὶ ἦν ἐθέλη σε φιλήσαι,  
φεῦγε· κακὸν τὸ φίλημα· τὰ χεῖλεα φάρμακον ἐντί.  
ἦν δὲ λέγῃ, λάβε ταῦτα· χαρίζομαι ὅσσα μοι ὄπλα,  
μὴ τὸ θίγῃς πλάνα δῶρα, τὰ γὰρ πυρὶ πάντα βέβαπται.

Neste trabalho, faremos uma breve análise de duas traduções do poema, feitas pelos poetas árcades Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765–1805) e Antônio Ribeiro dos Santos, sob o pseudônimo de Elpino Duriense (1745-1818).

## 2. A tradição neoclássica e a busca pelo equivalente

Mosco não usa variações métricas em sua poesia, seguindo o modelo hexamétrico regularmente, o que Bocage parece reproduzir ao utilizar apenas decassílabos em sua composição. Já a tradução de Antônio Ribeiro dos Santos é formada por estrofes de quatro versos, divididas em três decassílabos e um hexassílabo que, como comenta Achcar (1994, p.146), é o seu verso predileto e também utilizado em suas traduções de Horácio. A seguir, as duas traduções do poema.

A tradução de Bocage:

Amor Fugitivo<sup>3</sup>

Vénus chamava o filho em altas vozes.  
Se alguém viu pelo campo (a mãe dizia)  
Andar vagando Amor, esse é meu filho,  
Meu filho, que fugiu. Quem souber dele,  
Quem notícias me der do meu Cupido,  
Premiado será; tem certo um beijo  
Nos próprios lábios da amorosa Vénus:

---

<sup>3</sup> Da edição de Mesquita, A. (Org.) da Clássicos Jackson Vol. de 1956. Cf. Bibliografia.

Porém se mo trazer terá mais glória,  
Coisas mais doces de que um simples beijo.  
Entre meninos mil este menino  
Por diferentes sinais se reconhece.  
Não tem cândida a tez, mas cor de fogo;  
São seus olhos espertos, cintilantes,  
Meigo o falar, o coração maligno,  
Nunca sente o que diz: tem mel nas vozes,  
Mas torna-se feroz, traidor, insano  
Apenas se enfurece. É mentiroso,  
É sagaz, é cruel até brincando;  
Trança espessa e formosa ao ar lhe ondeia,  
E em dourados anéis lhe desce ao colo:  
Nas faces lhe transluz o ardor, a audácia;  
Tem pequenina mão, porém tão forte  
Que arroja muito longe as fatais armas:  
Às margens do Aqueronte às vezes voam,  
E colhem descuidado o rei do inferno:  
Seu corpo é nu, sua alma impenetrável;  
Com asas como um pássaro volteia  
Do sexo vigoroso ao débil sexo;  
Pousa nos corações, e ali se aninha;  
Num arco delgadinho apronta as frechas,  
As frechas que, assim mesmo, ténues, curtas,  
Se entranham pelos céus, alcançam Jove;  
Pejam farpas subtis a aljava de ouro,  
Que ao lado traz suspensa, e de seus tiros  
Até eu, sua mãe, sou alvo às vezes;  
Tudo o que lhe pertence inclui estragos,  
Mas nada do que é seu produz mais dano  
Que um curto, antigo, inextinguível facho:  
O sol, o próprio sol com ele abrasa.  
Mortais, se o encontrardes, eia, atai-o,  
Atai-o, e muito bem por que não fuja.  
Se ele chorar seu pranto vos não mova,  
Antes desconfiai, seu pranto engana.  
Se ele rir apertai-lhe os nós do laço;  
Se quiser abraçar-vos, longe, longe;  
Fugi, não vos fieis; abraços, beijos  
Nada, nada: — seus lábios têm peçonha,  
Seus beijos enfeitiçam. Se ele acaso  
Vos disser: “Aqui tendes estas armas,  
Tomai, eu vo-las dou” não pegueis nelas:  
Mimos de Amor são pérfidos e ardentes.

E a de Antônio Ribeiro dos Santos:

## Amor Fugitivo<sup>4</sup>

Pelo seu filho Amor em altas vozes  
Bradava Venus: se alguém viu acaso  
Nalguma encruzilhada Amor Vagando,  
É o meu fugitivo.

Alviçaras darei, se me descobres,  
Terás por paga um ósculo de Venus:  
Mas se mo trazes, não um simples beijo,  
Mais alto premio aguarda.

Bons sinais o menino tem; tu podes  
Entre vinte meninos conhecê-lo  
Não é alvo do corpo; é semelhante  
À cor do vivo fogo.

Seus olhos acres são e cintilantes;  
A tenção má, porém palavras meigas;  
E nunca fala como pensa, e as vozes  
São como o mel, suaves.

Mas quando se ira, o coração reponta  
Feroz e enganador, não diz verdade:  
É menino doloso, e nos seus brincos  
Há só atrocidades.

Tem bom cabelo, desenvolto gesto;  
Pequenas as mãosinhas são; mas certo  
Atiram longe; atiram-te Aqueronte,  
E ao mesmo Rei do Inferno.

O corpo nu, o espr<sup>3</sup>ito<sup>5</sup> rebuçado;  
E qual ave veloz, que os ares fende,  
A uns, a outros voa, homens, mulheres,  
Nas entranhas se assenta.

Tem arco mui pequeno, e sobre o arco  
Traz embebida a dura seta hevrada;  
Pequena seta, mas veloz alcança  
A região Etérea.

Carrega aos ombros uma aljava d'ouro;

---

<sup>4</sup> Versão com grafia atualizada a partir da edição das Poesias de Elpino Duriense de 1812. Cf. Bibliografia.

<sup>5</sup> Grafia mantida, como em outros casos, por questões métricas.

Mas dentro dela fatais flechas guarda;  
Com elas a mim mesma muitas vezes  
Me tem ferido o peito.

Sim; todas essas coisas são danosas,  
Todas: mas sobre tudo é temerosa  
Uma pequena facha que ele acende,  
Que ao mesmo sol abrasa.

Se mo houveres à mão, traze-mo preso,  
Não te mova a piedade; e se tu o vires  
Alguma vez em lágrimas banhado,  
Aguarda, não te engane.

Inda que s'ele ria, traze-o preso:  
Pois já se te quiser beijar no rosto,  
Ah! Foge que o seu beijo é peçonhento,  
E são veneno os beijos.

Se te disser: toma estas coisas, dou-te  
Todas as minhas armas: nada toques:  
São dádivas dolosas, que as tem todas  
Em vivo fogo tintas.

Primeiramente, devem-se destacar as opções de ambos os autores quanto aos nomes traduzidos pelos correspondentes latinos. Ambos optam por transcrever o epíteto *Kýpris/Kύπρις* – que se refere à Afrodite como deusa de Chipre – por *Vênus*, ao invés de buscar uma forma correspondente, como “Cípris”, que é comum a algumas traduções mais recentes de textos gregos antigos. Além disso, Eros é chamado apenas de “Amor”, sendo que Bocage ainda se utiliza do nome romano de Eros, Cupido, mesmo que esse não apareça no verso correspondente.

Nos primeiros versos, Elpino traduz de modo mais literal o substantivo *triódos/τριόδος*, algo como “trifurcação”, por encruzilhada, para passar a ideia de caminhos cruzados. Já Bocage opta por “campo”, e reitera que se inicia o discurso de Afrodite por um adendo entre parênteses, ao contrário de Elpino que utiliza o discurso direto introduzido pelos dois pontos.

É notória aqui, também, a inserção de elementos e até versos para adequar o sentido

ao metro escolhido. Isso ocorre em ambos os textos, pois o metro de ambos é consideravelmente menor que um hexâmetro, se levarmos em conta apenas o número de sílabas. A compensação, no caso da tradução de Elpino, por vezes se localiza no hexassílabo, enquanto que Bocage busca uma maior liberdade criativa, criando versos inexistentes na poesia de Mosco. Os três versos a seguir

(...) ὁ μανύσας γέρας ἔξει.  
μισθός τοι τὸ φίλημα τὸ Κύπριδος· ἦν δ' ἀγάγης νιν,  
οὐ γυμνὸν τὸ φίλημα, τὸ δ' ὦ ξένε, καὶ πλέον ἔξεις.

São transformados por Bocage em quatro, com a extensão de alguns sintagmas, além do deslocamento da expressão ‘premiado será’ para o verso seguinte ao que se localizaria:

Premiado será; tem certo um beijo  
Nos próprios lábios da amorosa Vénus:  
Porém se mo trouxer terá mais gloria,  
Coisas mais doces de que um simples beijo.

Da mesma forma, a quadra criada por Elpino estende um pouco as sentenças:

Alviçaras darei, se me descobres,  
Terás por paga um ósculo de Venus:  
Mas se mo trazes, não um simples beijo,  
Mais alto premio aguarda.

O poema de Mosco tem 29 versos, que se transformam em 52 em Elpino e 51 em Bocage, sendo portanto ambos formados por quase o dobro de versos – entre 79% e 80% a mais de versos. Esse é o padrão esperado na conversão de hexâmetros para decassílabos, pela quantidade de sílabas possível de um hexâmetro ser no máximo 17, quase o dobro de um decassílabo. O que ocorre nos dois poemas é que os tradutores buscam mais que uma

tradução simplesmente, criando uma série de possibilidades inexistentes no poema de Mosco, mas que não ferem a integridade do seu conteúdo e tentam atingir uma expressividade dentro do contexto do qual fazem parte. Thamos (2008, p.333), que opta por traduzir o Canto I da *Eneida* de Virgílio também em decassílabos, justifica a diferença numérica entre os versos nas traduções de Bocage:

Nas traduções de Bocage, bem como na experiência de tradução do Canto I da *Eneida*, a disparidade numérica de versos não deve induzir ninguém a uma conclusão precipitada quanto ao poder de síntese expressiva das línguas (são sempre mais decassílabos do que hexâmetros): deve-se antes notar que, se o texto em português é mais “comprido”, o texto em latim também é mais “largo”.

Algo que colabora para as construções de ambos os poetas é a sintaxe simples do poema de Mosco. Boa parte dele é formada por elementos justapostos ou frases curtas, que visam caracterizar o pequeno Eros por seus elementos distintivos e, da mesma forma, apresentar os sentimentos evocados pelo amor. Como é comum à tradição poética antiga, o amor possui sintomas de doença e é visto como algo danoso que arrebatava homens e deuses.

A falta de rigor literalizante na transposição de versos e expressões se justifica na busca de uma expressividade mais suave e leve, como é característico da poesia bucólica da época dos tradutores. Porém, nessa busca os tradutores investem-se de uma tarefa que é muito mais uma adaptação, aos moldes de sua poesia, dos conteúdos explorados por Mosco que uma tradução do conteúdo da fala de Afrodite.

A justificativa para a opção hexamétrica, para Thamos (2011, p.205), reside na expressividade das línguas, ao que o estudioso segue preceitos de Alceu Dias Lima e do poeta Joseph Brodsky:

A expressividade que uma língua alcança através da poesia está relacionada com a natural adequação da fala a um determinado ritmo prosódico. O decassílabo não é uma mera convenção métrica; ele constitui-se numa espécie de frase ideal do português, um modelo de fala ludicamente construído através da percepção viva da língua para permitir a expressão justa do significado poético. Apesar da impossibilidade histórica de se conhecer de fato a prosódia da língua dos antigos romanos, o mesmo valor se pode atribuir ao hexâmetro com relação ao latim.



A proposta de tradução pela forma decassilábica possui então não somente uma fundamentação na tradição de tradução por esse tipo de verso, mas também uma associação de origem: a métrica do decassílabo se ancora num modelo de fala, que funcionaria de modo similar ao hexâmetro em relação a línguas como latim e grego. Thamos (2011, p.210) salienta ainda que a verificação da razão silábica na tradução das *Metamorfoses* de Ovídio por Bocage é de 1,46 decassílabos para cada hexâmetro, e ainda propõe uma tradução de própria lavra com uma proximidade ainda maior, de 1,43 decassílabos para cada hexâmetro, o que, para o estudioso, “confirma a possibilidade de aplicação daquela fórmula de proporcionalidade na busca de uma equivalência estilística baseada na materialidade da expressão” (2011, p.212).

### **3. Por uma opção de tradução “desonerada”**

Não se proporá aqui, contudo, o investimento em uma tradução exclusivamente poética ou que siga um modelo específico de versão para algum tipo de verso próprio da língua portuguesa, apesar de eminentes traduções realizadas sob esse viés na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, como a *Farsália* de Lucano, do Prof. Dr. Brunno Gonçalves Vieira em dodecassílabos e o Canto I da *Eneida* de Vigílio, vertida para decassílabos pelo já supracitado Prof. Dr. Márcio Natalino Thamos, apenas para citar as mais recentes. Além de referenciais, essas traduções fazem parte de um histórico de reflexão sobre a tradução e a construção expressiva da poesia antiga que data desde os primeiros estudos do Prof. Dr. Alceu Dias Lima sobre a composição poética e da transposição do hexâmetro datílico para a língua romana.

A partir disso, primeiramente, desenvolverei uma proposta de tradução simples, que visa menos à expressividade poética no texto de chegada, e mais ao conteúdo e à correspondência dos versos, levando em conta alguns elementos abandonados pelas traduções de Bocage e Duriense. Ela se encaixaria no que o professor Alceu Dias Lima (2003, p.13) chama de “tradução de serviço”, em oposição à busca de um equivalente em português desses versos, a que se pode chamar de “tradução discursivo/textual” – seguindo

os preceitos de Joseph Brodsky (1994, p.86).

Em verdade, não há pretensão em se traduzir esteticamente o poema de Mosco, nem de buscar alguma equivalência entre ele e uma versão portuguesa. O objetivo é apenas permitir ao leitor uma leitura mais objetiva e, portanto, distante do ônus da tradição e do investimento de todos os eminentes classicistas supracitados sobre essa tradição. Essa tradução está desonerada das pretensões poéticas dessas traduções, com o intuito de tornar mais clara a análise.

### **Eros Fugitivo**

Cípris por Eros, seu filho, clamava:  
“Se alguém, em uma trifurcação, viu vagando Eros,  
é fugitivo de mim: o informante prêmio terá.  
A recompensa será um beijo de Cípris: se o trouxeres,  
Não só beijo terás, ó estrangeiro, também algo mais.  
É uma criança com muitas marcas: podes reconhecê-lo em meio a vinte crianças.  
A pele não alva, mas semelhante ao fogo; seus olhos  
são penetrantes e flamejantes; mau espírito doce fala;  
não diz as mesmas coisas que sente; é como mel a voz,  
é como fel a mente; selvagem, enganador,  
nenhuma verdade diz, bebê velhaco, cruel brinca.  
Belos cachos à cabeça, tem saliente fronte.  
São minúsculas suas mãozinhas, longe atira;  
Atira até o Aqueronte e até o palácio de Hades.  
O corpo completamente nu, bem couraçada a mente,  
e alado como pássaro voa sobre uns e outros,  
de homens e de mulheres, no interior ele pousa.  
Tem um arco muito pequeno, e no arco uma flecha,  
pequenina flecha, mas que alcança até o éter -  
e dourada às costas a aljava, dentro da qual estão  
os afiados caniços com os quais por vezes até a mim fere.  
Todas essas coisas são cruéis; mas muito mais é a tocha:  
um pequeno archote que incandesce o próprio sol.  
se tu o pegares, atado o traz, e não te apiedes  
Se o vires chorando, toma cuidado para que não te iluda;  
Se ri, arrasta-o tu, e se quiser te beijar,  
escapa; mau é o seu beijo: e veneno são os lábios.  
Se disser ‘pegue essas coisas, ofereço minhas armas’,  
não toques esses enganosos presentes, pois no fogo todos foram mergulhados”.

Lima (2003, p.14) considera que a busca por um equivalente tradutório como quer

Brodsky é mais apropriada que uma versão escolar, de estudo, ou que uma versão em prosa, pois se cria de tal modo “uma espécie de substituto do mesmo, uma vez que, o sentido virtual apreendido continua por conta do original, do qual a dita tradução é apenas um sucedâneo”. Nesse sentido, tem-se buscado opções para a tradução de versos antigos, que incide em acomodações poéticas diversas. Uma opção trabalhada por tradutores do hexâmetro clássico, além do verso decassílabo, é o verso dodecassílabo, portanto uma análise das possibilidades de tradução de hexâmetros não deve deixar de verificar essa opção, mesmo que o objetivo final seja fugir a essa tradição.

Na seguinte versão, assim como nos versos decassílabos de Elpino Duriense e Bocage, foi impossível manter o número de versos equivalente, chegando-se a uma tradução em 33 versos, algo em torno de 13% a mais de versos. Esses versos, ademais da métrica forçada, não são rimados e possuem uma busca pela acentuação clássica de 6<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> sílabas. Buscou-se ainda uma fluência do verso sem preterir do sentido do texto, tendo por base a versão anterior de serviço.

### **Eros Fugitivo**

Levanta alto clamor pelo filho Eros, Cípris:  
“Eros vagando alguém viu em encruzilhada?  
Fugia de mim: prêmio o que acusa terá.  
Um beijo ganharás, recompensa de Cípris.  
Se mo trazes, porém, mais que um beijo, estrangeiro,  
Algo mais tu terás! Criança tão distinta:  
Ele dentre outras vinte tu encontrarás.  
Não é alva sua tez, mas semelhante ao fogo;  
seus olhos são penetrantes e flamejantes;  
seu coração é mau, mas doce é no falar;  
não fala as coisas nunca as mesmas igual sente;  
é como mel a voz, é como fel a mente;  
selvagem, enganador, sequer verdade diz,  
um velhaco bebê, com crueldades brinca.  
Cabeça em belo cacho, a fronte saliente.  
Com mãozinha miúda, até bem longe atira;  
Atira ao Aqueronte e até o reino de Hades.  
O corpo em pêlo nu, bem couraçada a mente,  
e como uma ave alado a uns e a outros voa,

no interior ele pousa, a homens e a mulheres.  
Tem arco mui pequeno, sobre o arco a flecha -  
mesmo pequena a flecha, até o éter chega -  
às costas, na dourada aljava vão-lhe setas  
que às vezes até a mim de tão afiadas ferem.  
Tais são coisas cruéis; mas maior é a tocha:  
pequeno fogaréu que ao próprio sol acende.  
se to pegar atai-o, mas não sejas pio  
se te banha a chorar, cuidas não te iludir;  
se te rir, o arrasta, se beijar-te quiser,  
foge; seu beijo é o mal: veneno são os lábios.  
E se fala 'tomai, minhas armas te dou',  
não as aceites tu, são enganosos dons,  
todos por ele em fogo foram mergulhados".

Num primeiro momento parece ser esta a versão que menos perde em relação ao original quanto ao número de versos, mas também exige formulações diferenciadas dos mesmos. Em alguns casos, as oposições do poema de Mosco pareceram mais bem retratadas nesse modelo de versos que nos decassílabos, mas a reorganização necessária sacrifica o sentido do texto pela desestruturação sintática.

Assim, é possível afirmar que, apesar de soar por vezes mais poéticas, versões que prezem os versos clássicos portugueses, sejam decassílabos ou dodecassílabos, causam alguns efeitos distintos do original em expressividade, poeticidade mas, principalmente, quanto ao conteúdo. O que Bocage e Elpino fazem é criar uma nova poesia a partir da poesia de Mosco, utilizando recursos poéticos ainda mais sofisticados que ele. Porém, essa poesia nada mais é que uma recriação árcade do bucolismo de Mosco, apenas utilizando o poema grego para suscitar as imagens que eles querem passar. Não há como sabermos como reagia a audiência de um poema hexamétrico, portanto nos parece difícil esperar que fosse algo semelhante ao que qualquer tipo de verso pode provocar em uma língua moderna, por falta de referencial.

Nesse sentido, não há porque acatar uma possível rejeição à proposta de uma tradução de serviço como tradução final, ao invés de se traduzir esteticamente o poema hexamétrico, ou de buscar alguma equivalência entre ele e uma versão portuguesa. O objetivo desse tipo de tradução é apenas permitir ao leitor uma leitura mais objetiva e

desonerada das pretensões poéticas dessas traduções, com o intuito de tornar mais clara a sua leitura. Todavia, tem-se buscado opções para a tradução de versos antigos que incidem em acomodações poéticas diversas e que, por vezes, não compõem um poema acessível ao leitor não especialista, que também podemos chamar de desonerado.

A opção por um tipo de verso desonerado pela tradição ou de uma tradução de serviço pode cumprir um objetivo às vezes rejeitado por aqueles que se pretendem tradutores de textos antigos, especialmente aqueles que se constroem sob a formularidade intrincada da métrica clássica. O objetivo é buscar, até onde é possível, uma maior proximidade e ao mesmo tempo uma maior clareza do conteúdo do que é expresso pelo poema antigo, em detrimento de uma fidelidade a sua forma ou a qualquer forma pré-estabelecida tanto na língua de partida quanto na de chegada. Apesar de ser inescapável para a expressividade poética a relação forma/contéudo, como é evidenciado nas próprias traduções apresentadas, e da tradição acima apresentada debruçar-se pertinentemente sobre esse tema, não há real motivação para se rejeitar a “tradução de serviço”, posto que ela é apenas uma opção que visa maior clareza dos conteúdos expressos e não é, por conta disso, uma opção inválida.

O objetivo maior aqui é tentar evitar que o leitor desse texto encontre uma barreira numa proposta de tradução mais complexa, por exemplo, quando seu objetivo maior sejam as análises e investigações feitas com base nesse poema ou a simples compreensão da menor narrativa por ele expressa. Nesse sentido pode-se, ainda, propor um tipo de verso não tradicional, nem hexâmetro, nem decassílabo, também desonerado por qualquer tradução, mas que busque um equilíbrio entre todas as possibilidades, visto que parece ser o objetivo primeiro de todo tradutor a busca por um ponto pacífico de equilíbrio entre o seu texto e o original.

Dessa forma, a última proposta de versão de Mosco será um poema criado tendo em vista o conteúdo mais próximo do original, adequando o verso a esse conteúdo mesmo que isso resulte na construção de um verso não canônico em português. Um caminho diferenciado para buscar essa versão me parece, portanto, ser o de respeitar a correspondência de versos do poema de Mosco, mas não sacrificando o sentido pelas

inversões sintáticas do original e muito menos sacrificando o conteúdo do original pelo tipo de metro usado em português. Notar-se-ão, ainda, alguns pequenos arcaísmos, pois é impossível desonerar completamente o verso quando se pretende uma fórmula métrica fixa na tradução.

A busca nos leva a um verso artificial, um tetradecassílabo, formado, na verdade, por dois heptassílabos simples, buscando sempre que possível repetir um ritmo regular, com acentos na 2ª, na 7ª, na 9ª e na 14ª sílabas. De tal forma, o ritmo se assemelha ao de um par de redondilhas maiores, que tenta coincidir com a cesura do hexâmetro. Além disso, há de se notar uma tendência quase acidental de uma tônica à 5ª e à 12 sílabas<sup>6</sup>.

Ἄ Κύπρις τὸν Ἔρωτα ||  
τὸν υἱέα μακρὸν ἐβώστρει·

A CÍpris em ALta VOZ ||  
por Eros, seu FILho, CHAma:

A partir dessa estrutura, as alterações necessárias foram feitas, mas sempre privilegiando o sentido e moldando o verso a partir de um texto semanticamente acessível ao leitor.

### **Eros Fugitivo**

A Cípris em alta voz por Eros, seu filho, chama:  
“Viu Eros vagando, alguém, nalguma trifulcação?  
De mim fugitivo é: terá o informante um prêmio.  
De Cípris beijo terá: porém se tu mo trouxeres,  
Não só meu beijo terás, também mais, ó estrangeiro.  
Distinta criança é: em vint’outras acharás.  
A pele branca não tem, mas qual fogo; os olhos dele  
Brilhantes e agudos são; voz doce, mau coração;  
não fala o que sente igual; selvagem, enganador,  
a voz dele é como mel, mas a mente é como fel;

---

<sup>6</sup> Por motivos didáticos, destacaram-se as sílabas tônica

nenhuma verdade diz, e brinca o bebê velhaco  
Cabeça de belos cachos, ousada fronte possui.  
Embora miúda a mão, minúscula atira longe;  
Atira até o Aqueronte e até o reino de Hades.  
O corpo todo desnudo, a mente bem couraçada,  
e alado como uma ave a uns e a outros revoa,  
de homens e de mulheres, no íntimo ele s'aninha.  
Tem um arco mui pequeno, e nesse arco tem a flecha -  
o dardo inda pequenino, mas que até o éter alcança -  
e dourada aljava às costas, na mesma qual dentro estão  
caniços que tão afiados até me ferem por vezes.  
Tais coisas todas cruéis; mas mui maior é a tocha:  
tem um pequeno archote que o próprio sol incandesce.  
se tu o pegares trazei, atado, mas não te apiedes  
ainda que banhe a chorar, cuidas tu que não te iluda;  
ainda que ria, traga, e se te beijar quiser,  
escapa; seu beijo é mau: veneno seus lábios são.  
Se fala 'pega essas coisas, armas minhas te dou',  
não tomai, dons enganosos, tudo ele embebe em fogo".

Com isso, não se pretende negar a validade de nenhuma das traduções anteriores, muito menos entrar em uma discussão acerca da fidelidade na versão de um texto clássico. Não há porque substituir um tipo de tradução pela outra: qualquer tentativa desse tipo é baseada num infrutífero juízo de valor. O objetivo final desse trabalho é permitir uma leitura mais ampla do processo tradutório e do exercício de um meio-termo necessário, de um equilíbrio na busca da transposição poética de um texto clássico. A transposição dos elementos de um poema para outra língua deve levar em conta sua versificação original, mas não se pode deixar de lado o seu conteúdo, mesmo que seja necessária a busca por novas possibilidades de criação poética na língua de chegada. Por fim, as várias possibilidades de tradução são muito mais um enriquecimento que um problema, por permitirem vários caminhos igualmente válidos para se acessar a obra de autores como Mosco.

**Translation under the light of tradition: an analysis of the translations of Moschus' poem *Éros Drapétēs* by Bocage and Elpino Duriense and the space to new translation proposals.**

**ABSTRACT:** The text presents two translations of the poem *Éros Drapétēs* of the

Hellenistic poet Moschus, realized by the neoclassic poets Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765–1805) and Antônio Ribeiro dos Santos (1745-1818). From the investigation of the transposition of the hexametric verses to Portuguese and the analysis of some brief aspects of the poem, it is intended to discuss the translation process and the choices of these translators/poets. At the end, it will be presented two possibilities to translate the poem, and a brief discussion about the flexibility on a poetic translation.

Keywords: Moschus, Bocage, Elpino Duriense, translation, Hellenistic Period.

## Referências

ACHCAR, F. **Lírica e lugar comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português**. São Paulo: Edusp, 1994.

BRODSKY, J. **Menos que Um**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DURIENSE, E. (pseud. Antônio Ribeiro dos Santos). **Poesias de Elpino Duriense**. Lisboa: na Impressão Régia, 1812, Vol. I.

LIMA, A. D. “Possíveis correspondências expressivas entre latim e português: reflexões na área da tradução”. Araraquara: **Itinerários**, nº20, p.13-22, 2003.

MESQUITA, A. (Org.) **Poesia**. São Paulo: W. M. Jackson Inc. ed. Col. Clássicos Jackson Vol. I, 1956.

MOSCHUS, The poems of Moschus. *In: The Greek Bucolic Poets*. Translated by Edmonds, J M. Cambridge: Harvard University Press Loeb Classical Library, 1919.

THAMOS, M. “O decassílabo camoniano como modelo métrico para uma tradução da *Eneida*”. *In: Anais XXIII SEC*. Araraquara: Anais XXIII SEC, p. 330-334, 2008.



\_\_\_\_\_. “Do Hexâmetro ao decassílabo: equivalência estilística baseada na materialidade da expressão”. **Scientia Traductionis**, v. 10, p. 201-213, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p201/20013>. Último acesso em 01 de Agosto de 2013.

Data de envio: 25 de julho de 2014

Data de aprovação: 11 de janeiro de 2015

Data de publicação: 19 de fevereiro de 2015